

AS EXPERIÊNCIAS DO SER EM VOLTAIRE E CECÍLIA MEIRELES

Márcia Eliza PIRES*

RESUMO: O objetivo deste artigo consiste em realizar uma leitura comparativa entre *Candide ou l'optimisme*, célebre conto iluminista de Voltaire (1694–1778) e “Mar absoluto”, poema de Cecília Meireles (1901–1964). A despeito de dois séculos separarem as obras, acreditamos ser possível o diálogo literário entre o filósofo francês e a poetisa brasileira pela aproximação temática de suas produções. Tanto no conto de Voltaire quanto no poema de Cecília Meireles, percebemos profunda preocupação na proposta temática do exercício filosófico quanto ao questionamento da condição humana. Guardadas as especificidades de cada autor e das épocas em que esses livros foram produzidos, a busca pela compreensão e expansão do percurso existencial atua enquanto elo temático comum.

PALAVRAS-CHAVE: Voltaire; Iluminismo francês; Cecília Meireles; poesia brasileira; literatura comparada.

A expressão literária e suas fontes de inspiração

No longo processo de sua consolidação e diversidade, os representantes da literatura do “novo mundo” referenciam as vozes longínquas que os antecederam e inspiraram. Escritores, poetas, artistas são tributários das fontes que contribuíram para a formação de sua singularidade. É válido ressaltar que essas vozes longínquas são revisitadas, de maneira que a renovação do fazer literário seja constante. Grandes escritores são, sobretudo, grandes leitores: assíduos e curiosos. Os escritores brasileiros também beberam das célebres fontes europeias, absorvendo-as a seu modo: “[...] a presença em nós, sempre particular do passado” (Comte-Sponville, 1996, p.23).

* UNESP - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Letras Modernas. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - marcia.e.pires@unesp.br

A literatura do Brasil revisitou os princípios dessas fontes e, no decorrer de seu processo de tornar-se o “sujeito de sua história” (Bosi, 1994, p.11), aclimatou e particularizou o influxo europeu. Em meio a “naturais crises e desequilíbrios”, (Bosi, 1994, p.11) houve, finalmente, o acolhimento da voz europeia na alma literária dos trópicos. Desse encontro resultou uma literatura tão variada quanto profunda. Machado de Assis (1839-1908), por exemplo, foi assíduo leitor de Gustave Flaubert (1821-1880). Aliás, é possível realizar breve analogia entre esses expoentes da literatura ocidental, ao observarmos a forma concisa de suas expressões. Vejamos a similaridade estilística entre *Madame Bovary* (1857) e *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1891): “[...] era preciso também encontrar uma mulher. Encontrou uma: a viúva de um oficial de justiça de Dieppe, que tinha quarenta e cinco anos e mil e duzentas libras de renda” (Flaubert, 2014, p.21)¹; “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis.” (Assis, 1997, p.61). Em ambos, a ironia aliada à concisão promove a sátira mordaz ao exacerbado apego ao dinheiro.

Neste trabalho, realizaremos uma leitura comparativa entre o conto *Candide ou l'optimisme*², do pensador iluminista Voltaire e o poema “Mar absoluto” da poetisa moderna Cecília Meireles³. A busca por compreender a natureza da existência para melhor experimentá-la – valor iluminista – é fator fundamental à temática do poema de Cecília Meireles. A relevância dessa leitura comparativa é sustentada pelo tema comum: a experiência filosófica do aventurar-se na própria existência. Para ambos, a despeito de a condição humana subordinar-se a diversos desafios, a toda sorte de males, tais dificuldades atuam, indiretamente, enquanto noções instigadoras à expansão da experiência.

Ler o poema “Mar absoluto” sob uma perspectiva iluminista é também um exercício do olhar multidisciplinar que só faz enriquecer a análise literária. Como preconiza Edgar Morin, a intenção é “ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade.” (Morin, 2013, p.75). Os valiosos norteamentos de Morin seguem, aliás, o princípio filosófico do iluminismo de que o conhecimento está a serviço da melhoria da qualidade da existência humana. Em favor de sua compreensão, a interrelação entre os saberes adquiridos fundamenta o indivíduo em constante descoberta de si mesmo.

¹ “[...] il lui fallait une femme. Elle lui en trouva une: la veuve d'un huissier de Dieppe, qui avait quarante-cinq ans et douze cents livres de rente.” (Flaubert, 2001, p.57).

² Confira Voltaire (1992).

³ Confira Meireles (1983).

Voltaire

François-Marie Arouet (1694 – 1778), conhecido como Voltaire, “o príncipe dos filósofos”, dispensa longas apresentações. Sabemos que se trata de uma das figuras mais emblemáticas do iluminismo francês. De erudição e brilhantismo extraordinários, Voltaire inspirou-se nas fontes do grande pensamento universal para a criação de seu sistema filosófico. Uma mente virtuosa que, apenas aos 24 anos de idade, escreveu uma das mais conhecidas peças de teatro de sua época: *Oedipe*. Adepto da supremacia e autonomia da liberdade do pensamento contestador, Voltaire insurge-se agudamente contra o poder abusivo das instituições, em especial do estado e da igreja. Os dogmas, as crenças e intolerâncias religiosas, o poder arbitrário dos governantes foram alvo de seus questionamentos e do mordaz de sua crítica. Juntamente com Isaac Newton, Denis Diderot, D’Alembert, Rousseau, Voltaire integra o rol dos expoentes iluministas que atuaram em favor da democratização do conhecimento e da difusão do saber.

Dentre os escritos de Voltaire constam correspondências (por volta de vinte mil cartas), peças de teatro, poemas, textos políticos, textos filosóficos, crítica literária, estudos históricos, artigos científicos e culturais, contos. Um dado curioso e informativo: François-Marie Arouet adota em 1717 o célebre pseudônimo de Voltaire, na ocasião de sua retenção na prisão da Bastilha. Na ocasião, a adoção do sugestivo pseudônimo de Voltaire simboliza o brilhante vórtice de sua mente e a marca indelével de seu gênio. As inúmeras perseguições contra Voltaire não deixaram de atuar enquanto verdadeira publicidade de sua figura e obras. Quanto mais perseguido, mais conhecido e admirado Voltaire tornava-se.

Assim como as figuras referenciais da época das Luzes, Voltaire inspirou-se também no chamado **romance de aprendizagem**, gênero surgido na Alemanha. Esse tipo de literatura caracteriza-se normalmente pelo enfoque a um personagem jovem e inexperiente que, ao longo da narrativa, amadurece enquanto sujeito. À medida que a obra avança, o protagonista evolui; transformando-se com a experiência dos grandes acontecimentos, tais como a morte, o amor, a alteridade. No conto, o inexperiente Candide, após ser rechaçado do espaço onde convenientemente vivia, passa por toda sorte de provas e adversidades. Evoluindo juntamente com a trama, Candide conclui que é possível o alcance de um estado de felicidade possível, ainda que imperfeito.

Voltaire exilou-se também em vários países da Europa, dentre eles Suíça e Inglaterra. Ali, pode observar maior tolerância quanto às diferenças políticas e, sobretudo, religiosas. Na Inglaterra, o pensador teve contato com doutrinas diferentes da via dogmática do catolicismo predominante na França. Seu contato com os grupos religiosos britânicos do movimento “Quaker”, por exemplo, fez com que o filósofo absorvesse noções tais quais a simplicidade, a solidariedade, a aproximação entre líder religioso e seus adeptos.

Sua última e mais famosa obra, o conto filosófico *Candide ou l'optimisme*, é lançado em Genebra, em janeiro de 1759. Um dado curioso é que consta na epígrafe a seguinte informação: “Traduzido do alemão por senhor doutor Ralph”. Ao que sabemos, essa referência a um nome estrangeiro é outro pseudônimo de Voltaire. Ainda hoje são incertas as razões que levavam os escritores iluministas a colocarem em dúvida a legítima autoria de suas publicações. Mas, devido ao caráter altamente provocativo de suas obras, em que se desenvolviam críticas ferinas e debochadas à monarquia e ao clero, a incerta atribuição do autor cumpria a ideia de não colidir com a severa punição da censura, evitando maiores perseguições.

Na intenção de criar sua prosa filosófica, Voltaire sustenta a vívida fomentação do leitor ao conduzi-lo por seu humor crítico e mordaz. Mesmo as passagens mais rocambolescas carregam em si a proposta para sua reflexão.

Além da ironia, encontramos no conto de Voltaire a premissa iluminista de que um sistema filosófico deve voltar-se ao exercício de um possível bem-viver, ainda que vulnerável, sujeito às inúmeras precariedades da própria condição humana. A filosofia iluminista preconiza o propósito de servir como norteadora para o exercício do bem-viver – ainda que as dificuldades ocorram, sendo próprias à realidade mundana. Como seria possível o profícuo aproveitamento da existência, se vivemos num mundo de dificuldades de toda natureza? Como é possível o vislumbre de qualquer tipo de bem-estar em meio a doenças, catástrofes e às mais absurdas formas de violência?

A filosofia das Luzes é configurada por uma visão progressista da humanidade, na perspectiva de sua melhora e de sua expansão. No entanto, não faltam pensamentos divergentes que assinalam a superficialidade da objetividade de seus princípios. O aprofundamento da metafísica explorada por muitos grupos de escritores e filósofos posteriores ao século XVIII é um dentre esses exemplos divergentes: “O que Goethe reprova, em suma, na teoria de Newton, é o fato de ela não considerar senão o aspecto superficial das colorações. Para Goethe, a cor não é um simples jogo de luz, é uma ação nas profundezas do ser [...]” (Bachelard,

2003, p.28). Embora a investigação quanto à compreensão da existência não tenha um caráter aprofundado, a filosofia iluminista contribui para a ideia de tornar o percurso da existência mais factível, na postura estoica de transpor os males. Para tanto, Voltaire insiste na ideia de o indivíduo abrir-se para as experiências do mundo e delas tirar melhor proveito em benefício da expansão de sua própria existência. Na prosa filosófica de Voltaire é possível considerar que a mudança pessoal precede a mudança da coletividade. Ademais, os temas abordados na ficção filosófica de Voltaire são atemporais e, portanto, fontes de inesgotável inspiração no que diz respeito à observação crítica da natureza humana.

Cecília Meireles

Em 7 de novembro de 1901, no bairro do Estácio, na cidade do Rio de Janeiro, nasceu Cecília Benevides de Carvalho Meirelles. Filha de um funcionário de banco e de uma professora primária, estreou no mundo da poesia aos nove anos – idade com que fez seu primeiro poema. Iniciou de fato sua atividade poética em 1919, com a publicação de *Espectros* – produção com influência simbolista e, sobretudo, parnasiana. É oficialmente apresentada ao meio literário em 1922.

Na realização de seu profícuo legado, expresso em gêneros literários diversos, a escritora demonstra preocupação fulcral em sondar a natureza humana. Esse traço confere uma toante filosófica que perfaz toda sua obra.

Em 1938, sozinha e afetada por grandes dificuldades financeiras, Cecília Meireles decide inscrever sua obra *Viagem* para o concurso promovido pela Academia Brasileira de letras. Após grande polêmica se *Viagem* deveria ou não ser premiado, a escritora é detentora do primeiro lugar. O livro marca a maturidade literária de Cecília Meireles e é a partir dessa produção que as ideias basilares já presentes nos livros anteriores se tornam mais encorpadas. O livro de 1939 faz parte do grupo das obras que estreiam a plenitude de sua atividade poética: *Viagem* (1939), *Vaga música* (1942), *Mar absoluto* (1945) e *Retrato natural* (1949).

Se a poesia de Cecília Meireles é caracterizada pela intensa valorização da construção polissêmica, no livro *Mar absoluto e outros poemas*, a pluralidade dos significados atinge seu ápice. A poetisa considera ao máximo a vastidão que o título da obra sugere. O conceito “absoluto” – atributo que indica uma abordagem total de tudo que é observado – é também preponderante nas vozes do diálogo, especialmente na pessoa do “tu”: nele, nada é definitivo. Sua presença remete à constatação de que todo e qualquer elemento é passível de transformação. É nesta

obra que se encontra o texto homônimo “Mar absoluto” – poema que iremos analisar comparativamente com o conto de Voltaire.

De profunda erudição, a poeta, cronista, tradutora, folclorista e professora Cecília Meireles detinha profunda familiaridade com a filosofia ocidental e oriental, sobretudo com a obra do pensador hinduísta Rabindranath Tagore (1861-1941). A força e a complexidade de sua poesia filosófica são constantemente permeadas pela tonalidade do questionamento existencial. Cecília Meireles dá início a sua obra no começo dos anos vinte, encerrando-a pouco antes de sua morte no começo dos anos sessenta. Foi extensa sua obra expressa em poemas e bastante produtiva sua escrita de crônicas. Mencionamos também sua produção de peças de teatro e de literatura infantil. Foi tradutora de Virginia Woolf, Lorca, Rilke, Tagore. E em sua produção, consta vasta troca epistolar com diversos artistas, dentre eles, Gabriela Mistral e o poeta açoriano Armando Cortes-Rodrigues.

Os temas de grande relevância ao pensamento de Cecília Meireles desenvolvem-se frequentemente em torno do questionamento da existência e a tentativa de compreender a imbricada natureza humana: “Para esclarecer uma dúvida, dão-me três: é a cabeça da Hidra” (Montaigne, 2015, p.516). Dada à insistência nessa aventura tão poética quanto desafiadora, vale ressaltar que a busca por apreender o insondável não parece ser menos cativante à poetisa, exercendo lhe grande fascínio.

Sobre sua poesia, *grosso modo*, podemos dizer que se trata de um encantador lirismo pensante que, se num primeiro momento seduz com agradável musicalidade, posteriormente conduz o leitor a intenso aprofundamento metafísico. É a partir do questionamento filosófico diante do enigma da existência que a escritora estabelece correspondência com pensadores de épocas diferentes, dentre eles o iluminista Voltaire.

Leitura comparativa entre o personagem Candide e o eu lírico de “Mar absoluto”

Esta leitura analítica e comparativa intenciona apontar as semelhanças entre o protagonista do conto de Voltaire – *Candide*, e o eu lírico do poema “Mar absoluto” de Cecília Meireles. Para tanto, a observação de três aspectos semelhantes às duas produções norteará este cotejo: a noção de êxodo; a experiência empírica entremeada pelo questionamento filosófico e o amadurecimento existencial.

Se os temas são comuns, sua abordagem difere no que concerne ao estilo de cada obra e de cada escritor. Enquanto a tonalidade discursiva de Voltaire é construída por meio de ácida ironia e por vezes pelo tom de deboche, a tonalidade poética de Cecília Meireles é sugestiva e misteriosa. Essa diferença deve-se também à distinção entre os gêneros literários que cada autor escolhe como expressão. Enquanto no gênero conto as informações são mencionadas de forma bastante evidente, o mesmo não podemos afirmar quanto ao poema. Neste último, as informações são insinuadas e subordinam-se à expressividade da linguagem, que, por sua vez, é empregada de maneira ambígua:

A poesia moderna nasce, porém, justamente da recusa do otimismo idealista e histórico, da fratura em relação a todo iluminismo, [...] o iluminismo tropeça e mostra sua parcialidade, sua impotência. Não só as luzes da razão não governam a realidade, mas tampouco dominam ou iluminam a própria razão. Nesse sentido, esconder-se em um ambiente velado pela obscuridade representaria aquilo que, na razão, escapa à racionalidade. (Berardinelli, 2007, p.132).

Neste estudo de Alfonso Berardinelli, vemos como a linguagem da poesia moderna difere daquela utilizada pelos iluministas como Voltaire. Mais ou menos dois séculos mais tarde, as certezas preconizadas por esses pensadores são colocadas em questão, prevalecendo a ideia da obscuridade, isto é, da constatação da ínfima parcela do conhecimento humano frente à própria existência. Salientamos que a poesia é o gênero literário por excelência quanto à elevação máxima do teor polissêmico da linguagem. Assim, torna-se o gênero literário afeito à expressividade da natureza humana complexa e fragmentária.

O êxodo

Começemos a comparação entre o conto de Voltaire e o poema de Cecília Meireles, a partir da observação de como a ideia de êxodo dá-se em cada um. Observemos, primeiramente o êxodo do protagonista Candide:

Um dia, Cunegunda, passeando perto do castelo, no bosquezinho a que chamavam de parque, viu por entre o matagal o dr. Pangloss dando uma aula de física experimental à camareira de sua mãe [...]. Como senhorita Cunegunda tivesse muita disposição para as ciências, observou, sem sofrer

as experiências reiteradas de que foi testemunha; ela viu claramente a razão suficiente do doutor, os efeitos e as causas, e voltou muito agitada, toda pensativa, toda cheia de desejo de ser sábia, imaginando que ela bem podia ser a razão suficiente do jovem Cândido, que também ele podia ser a dela. Ela encontrou Cândido ao voltar para o castelo, e corou; Cândido também corou; ela lhe disse bom dia com voz entrecortada, e Cândido falou com ela sem saber o que dizia. No dia seguinte, depois do jantar, ao saírem da mesa, Cunegunda e Cândido encontraram-se atrás de um biombo; Cunegunda deixou cair o lenço; Cândido recolheu-o, ela tomou-lhe inocentemente a mão, o rapaz beijou inocentemente a mão da moça com uma vivacidade, uma sensibilidade, uma graça toda particular; as suas bocas se encontraram, os olhos se inflamaram, os joelhos tremeram, as mãos se apertaram. O senhor barão de Thunder-ten-tronckh passou perto do biombo e, vendo aquela causa e aquele efeito, expulsou Cândido do castelo com grandes pontapés no traseiro; Cunegunda desmaiou; foi esbofetada pela senhora baronesa logo que voltou a si; e tudo ficou consternado no mais belo e mais agradável dos castelos possíveis. (Voltaire, 2012, p.34).

Primeiramente, pensemos na escolha do nome “Candido”. Inúmeras leituras acerca do conto de Voltaire já apontaram que a escolha desse nome é clara sugestão à ingenuidade, mas também à nobreza das intenções do inexperiente protagonista. Seus atributos voltam-se ao interesse genuíno por compreender a natureza humana. Como constatamos no trecho acima, Candide encontra-se, a princípio, limitado pelo cenário castelão – espaço que tem o papel de metaforizar a ideia da inexperiência, da visão restrita, da obediência às crenças que alicerçaram sua formação. Candide é um jovem apaixonado pelo conhecimento filosófico, mas, sob os domínios do Barão Thunder-ten-tronckh – aliás, nome que sugere uma personalidade bruta e tempestuosa – Candide está limitado por uma espécie de castelo de ilusões onde se abriga toda sorte de limitação de pensamento. O pífio sistema filosófico do doutor Pangloss sintetiza essa ideia. Antes de ser injustamente expulso, Candide está ludibriado pela ilusão de que a realidade se resume à pequenez daquele espaço. Fiel aos conceitos aprendidos com o tutor Pangloss, o personagem condensa metonímica e arquetipicamente a idade ingênua da humanidade.

Se a expulsão do castelo parece ser bruta e injusta, por outro lado Candide conhece a amarga oportunidade para libertar-se desse cenário de ilusão que o restringe. Seu “despertar” para o mundo real é marcado pelo êxodo forçado,

realizado por aqueles que não compreendiam sua natureza singela – os seus “*moeurs les plus douces*” (Voltaire, 1992, p.19). Tampouco, os personagens do castelo compactuavam da aspiração pelo real conhecimento da natureza humana. Como é sabido, após esse êxodo, uma série de acontecimentos desastrosos acontece: a submissão de Candide à escravização; às guerras; sua impotência frente às catástrofes naturais; sua submissão a toda sorte de violência, de superstição, de intolerância e de males. Essas experiências tão intensas quanto traumáticas impelem o protagonista a adotar uma urgente renovação de perspectiva. No conhecimento de carrascos, ladrões, mas também de companheiros instigantes, Candide aprende a exercer sua natureza pensante por meio da experimentação e do questionamento das aparências. Ele não mais reproduz paradigmas ultrapassados, exemplificados na figura do doutor Pangloss. De sua parte, Candide ilustra metaforicamente o exercício da filosofia pragmática das luzes: a urgência de o indivíduo aprender com as experiências dolorosas, no proveito da busca infundável pela expansão da alma. Para tanto, faz-se necessária a adoção de uma postura crítica e autorreflexiva que questione os pontos de vistas dogmáticos acerca de sua própria natureza.

O êxodo também é tematizado em “Mar absoluto”, poema de mesmo título que a própria obra lançada em 1945: *Mar absoluto e outros poemas*. O eu lírico ceciliano, assim como Candide, é impelido a movimentar-se, entretanto, de maneira distinta:

Foi desde sempre o mar.
E multidões passadas me empurravam
como o barco esquecido

Agora recordo que falavam
da revolta dos ventos,
de linhos, de cordas, de ferros,
de sereias dadas à costa. (Meireles, 1983, p.229).

Semelhante a Candide, mas não debaixo de pontapés, o eu lírico de Cecília Meireles é compelido a sair, isto é, empurrado a experienciar o mundo que se encontra para além dos limites que conhece. Pela via memorialística – “Agora recordo que falavam” – o sujeito poético é vinculado à sua ancestralidade. Há aqui o apelo do elo afetivo familiar. O eu poético de Cecília ouve a sábia interpelação dos seus como uma misteriosa proposta para ganhar o mundo.

No conto de Voltaire, a tonalidade satírica da linguagem aponta Candide como uma oneração, pois ele é fruto de uma relação não chancelada pela ordem institucional da sacralidade do matrimônio. Candide é filho de uma nobre jovem solteira (irmã do barão proprietário do castelo): “porque o resto de sua árvore genealógica tinha se perdido pela injúria do tempo.” (Voltaire, 2012, p.63). Uma vez envolvida pela casualidade amorosa, posteriormente dá à luz Candide. À margem da vinculação afetiva familiar, o protagonista voltairiano é completamente banido.

Enquanto Candide é fiel aos ensinamentos de um tutor simplório, o sujeito poético ceciliano é mencionado como “o barco esquecido”, ou seja, apresentado de maneira que se lhe destaque a palidez do ânimo. Nesse sentido, o sujeito poético de Cecília Meireles encontra forte ressonância com o gênio romântico-simbolista, isto é, com o artista constantemente acometido pelo complexo sentimento da melancolia:

Porém, essa desordem não se dá sem algum privilégio: ela confere a superioridade de espírito, acompanha as vocações heroicas, o gênio poético ou filosófico. Essa afirmação, que encontramos nos *Problemata* aristotélicos, exercerá uma influência considerável na cultura do Ocidente. (Starobinski, 2022, p.22)

Como destaca Jean Starobinski (2022), de acordo com o pensamento de Aristóteles, ainda que a melancolia promova a completa prostração frente ao acometimento da acédia, concomitantemente, ela confere a insígnia do gênio. Ser de exceção, o artista naturalmente apresenta – de maneira genuína – a disposição humoral necessária às sondagens filosóficas, ao questionamento de natureza existencial. Entretanto, há que se estimular esse gênio no enalço por plenificar seus atributos. Observamos aqui o papel do êxodo como contribuição para isso. Anteriormente à condição de exilados, ambos se encontravam desvinculados do movimento de expansão de suas naturezas, pois mantinham-se falsamente protegidos por uma espécie de redoma ilusória. Candide cerceado pelas falsas verdades de sua formação. E o eu lírico ceciliano, tal qual um “barco esquecido”, em constante inércia ou à deriva. A condição de exílio propõe, compulsoriamente, a ocasião em que se faz urgente a renovação de suas estadas pelo mundo, pela via da experimentação e da consciência crítica.

Experiência e questionamento filosófico

Uma vez exilado, Candide contata uma realidade bastante distinta dos ensinamentos preconizados por Pangloss: “tudo vai pelo melhor no melhor dos mundos possíveis” (Voltaire, 2012, p.12). Salientamos que a repetição dessa máxima sugere metaforicamente a reprodutibilidade do pensamento abalizado pelo dogma. De maneira crédula, Candide não questionava os ensinamentos recebidos: “[...] é o que o senhor Pangloss sempre me disse, e bem vejo que tudo está pelo melhor.” (Voltaire, 2012, p.38). O protagonista repetia essa afirmação, sem se dar conta de que estava diante daqueles que o iam escravizar. No começo de sua experiência pelo mundo, Candide apreendia os dados externos como meras ilustrações para os ensinamentos que havia aprendido.

À medida que seu périplo avançava pelos mais diversos cantos do mundo, Candide testemunhava a diversidade de males configurada de muitas formas. Por onde passou, o mal predominava desde os vícios e crueldade humanas até as catástrofes naturais. Toda sorte de injustiças, abusos e horrores ele conheceu.

Candido, sempre caminhando sobre membros palpitantes ou através de ruínas, deixou enfim o teatro da guerra, carregando umas provisóezinhas em seu embornal e não esquecendo nunca a senhora Cunegunda [...] Pediu esmola a várias personagens sisudas que lhes responderam que continuasse a exercer esse ofício, iriam trancafiá-lo em uma casa de correção para que aprendesse a viver. (Voltaire, 2012, p.46).

Os cenários de destruição e horror ocasionados pelas guerras; a crueza humana que tripudia da fraqueza; a condição de miserabilidade generalizada; as torturas, as intolerâncias, as atitudes imorais por parte dos religiosos; a indiferença aos semelhantes por parte dos fiéis ao cristianismo. Todas essas exemplificações vivas colocaram por terra a teoria de Pangloss de que a Terra é o melhor dos mundos. Candide questiona toda a aprendizagem que havia estruturado sua formação. Seu encontro com a alteridade, isto é, com personagens como o anabaptista Jacques, Martin, a velha, e sua experiência como um todo fomentaram as transformações subjetivas do personagem. Candide passa a experimentar a existência pela via da postura observadora, crítica e adaptável às intempéries das circunstâncias. O convívio radical com os males da Terra conduz Candide a refletir sobre a procura humana de um possível estado de felicidade, em um mundo tão violento quanto caótico.

Em “Mar absoluto”, nas primeiras estrofes, o eu lírico compreende a experiência da “ilusão grande do mar de” de forma diferente daquela suscitada nos versos finais. Assim como no conto de Voltaire, o indivíduo modifica seu olhar de acordo com seu amadurecimento. Pelo emprego do verso livre, pela extensão textual, destacamos o tom narrativo do poema, fazendo com que, ainda que bastante sutilmente, esse remeta ao estilo dos poemas em prosa:

Então, é comigo que falam,
sou eu que devo ir.
Porque não há mais ninguém,
não, não haverá mais ninguém
tão decidido a amar e a obedecer a seus mortos

E tenho de procurar meus tios remotos afogados.
Tenho de levar-lhes redes de rezas,
campos convertidos em velas,
barcas sobrenaturais
com peixes mensageiros
e santos náuticos (Meireles, 1983, p.219).

Simbolicamente, o cenário das águas marítimas incita a ação da memória. A metáfora da profundidade sugere o apelo ao desconhecido, ao inconsciente. Nesta atmosfera misteriosa e ambígua, o sujeito poético retoma a correspondência com seus ancestrais que, ao que o campo semântico indica, são gente do mar. Mencionamos a tonalidade obscura da linguagem – tais como “barcas sobrenaturais”; “campos convertidos em velas”. Tal semântica suscita igualmente o fantasmagórico, lembrando o obscurantismo simbolista. Entretanto, à medida que o poema se desenvolve, a procura pelas lembranças não são mais o único intuito do sujeito poético:

“Para adiante! Pelo mar largo!
Livrando o corpo da lição frágil da areia!
Ao mar! – Disciplina humana para a empresa da vida! ”

Meu sangue entende-se com essas vozes poderosas.
A solidez da terra, monótona,
parece-nos fraca ilusão.
Queremos a ilusão grande do mar,
multiplicada em suas malhas de perigo.

Queremos a sua solidão robusta,
uma solidão para todos os lados, (Meireles, 1983, p.219).

O eu lírico é interpelado por essa herança oculta que o convida à largueza da experiência. O mar, junto de sua propriedade de suscitar a memória, remete igualmente à expansão, à vasteza, à liberdade. A “solidão robusta” convida ao contato com a porção mais íntima da individualidade. Aqui, eu lírico é motivado a conhecer a porção mais recôndita de si mesmo, no exercício contemplativo decorrente da solidão:

E eu, que viera cautelosa,
por procurar gente passada,
suspeito que me enganei,
que há outras ordens, que não foram bem ouvidas;
que uma outra boca falava: não somente a de antigos mortos,
e o mar a que me mandam não é apenas este mar. (Meireles, 1983, p.221).

Nesta estrofe, o eu lírico demonstra a reavaliação de suas antigas posturas. No decurso de seu périplo, a simbologia do mar propõe novas possibilidades de compreender a própria existência a partir de perspectivas renovadas, surpreendentes, inusuais.

O amadurecimento existencial

Para além do deslocamento físico, presente no fio narrativo do conto de Voltaire e metaforicamente no poema de Cecília Meireles, ambos abordam a grande trajetória interna em direção à aprendizagem do autoconhecimento. Como numa espécie de revisitação ao “Oráculo de Delfos”, uma das principais toantes unificadoras dessas duas obras é a prática da experimentação do aforismo: “Conhece-te a ti mesmo”.

No conto de Voltaire, em seu desfecho, o protagonista Candide profere a máxima que fundamenta a consideração conclusiva sobre como alcançar a felicidade (possível) sobre a Terra. Trata-se da célebre frase “É preciso cultivar nosso jardim.” (Voltaire, 2012, p.154). A imagem simbólica do cultivo suscita a ideia de o indivíduo responsabilizar-se por si, atendo-se àquilo que genuinamente nutre sua existência. Tal atitude não significa negar ingênua e cegamente as mazelas do mundo. A despeito das adversidades inerentes à condição humana, o estado de felicidade atrela-se ao empenho de o indivíduo direcionar sua atenção

à fonte que o nutre na expansão de sua natureza. O protagonista conclui que a felicidade possível é alcançada de acordo com as necessidades da individualidade, ou seja: não há fórmulas infalíveis para experimentá-la. Entretanto, a simplicidade é noção primordial para esse intento. De todo modo, as numerosas vicissitudes e males do mundo não devem aniquilar sua busca.

No poema de Cecília Meireles, o decifrar poético das vozes de uma sabedoria ancestral, não é mais a única fonte para a expansão da existência nem, portanto, a única forma do alcance de uma felicidade possível em meio “a ilusão grande do mar/multiplicada em suas malhas de perigo”. Contemplar o tempo presente, isto é, apreender poeticamente todos os elementos misteriosos da realidade é a iniciação para genuinamente nutrir a própria natureza – de sua parte, identificada com a infinitude do mar. Observemos a estrofe final em que o mar se personifica ao interagir com o eu lírico:

E assim como água fala-me.

.....

Não me chama para que eu siga por cima dele,
nem por dentro de si:

mas para que me converta nele mesmo. É o seu máximo dom.

Não me quer arrastar como meus tios outrora,
nem lentamente conduzida,
como meus avós, de serenos olhos certos.

Aceita-me apenas convertida em sua natureza:
plástica, fluida, disponível,
igual a ele, em constante solilóquio,
sem exigências de princípio e fim,
desprendida de terra e céu. (Meireles, 1983, p.220).

O fato de o mar sugerir a conversão do eu lírico de Cecília Meireles em sua própria natureza é uma metáfora da experimentação existencial em sua totalidade, ou seja, em todas suas circunstâncias e implicações. Diante do “Mar absoluto”, aliás, título sonoro em que a repetição da vogal “a” evoca abertura de espírito, o estado contemplativo é a postura privilegiada. Dessa contemplação, decorre uma lenta e profunda interpretação poética sobre a estética do mar: uma didática natural para o exercício do desprendimento das ilusões da terra, assim como Candide desilude-se de suas crenças, em meio a suas experiências no mundo.

A fusão poética com o mar suprime a porção efêmera do sujeito poético, transfigurando-o. Para o eu lírico ceciliano, a felicidade possível consiste na realização (em sua existência) do estado de poesia. A prática do exercício desinteressado da contemplação do sublime torna sua vida o estado constante da sua poesia. Trata-se da forma pessoal do cultivo do seu jardim, como preconiza o protagonista de Voltaire.

THE EXPERIENCES OF BEING IN VOLTAIRE AND CECILIA MEIRELES

ABSTRACT: *This article seeks to conduct a comparative analysis between “Candide ou l’optimisme,” by Voltaire (1694 – 1778), and the poem “Mar Absoluto” by Cecília Meireles (1901 – 1964). Despite the considerable temporal gap separating these literary pieces, we contend that a literary dialogue between the French philosopher and the Brazilian poet remains viable due to the thematic resonance in their respective creations. In both Voltaire’s short story and Cecília Meireles’s poem, a profound preoccupation with the philosophical exploration of the human condition is evident. While acknowledging the unique attributes of each author and the distinct eras in which these works were produced, the shared thematic thread lies in the pursuit of understanding and the broadening of the existential path.*

KEYWORDS: *Voltaire; French Enlightenment; Cecília Meireles; Brazilian poetry; comparative literature.*

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Indiana: O estado de São Paulo/Klick Editora, 1997.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: M. Fontes, 2003.

BERARDINELLI, Alfonso. **Da poesia à prosa**. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Nayf, 2007.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: M. Fontes, 1996.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM Editores, 2014.

Márcia Eliza Pires

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Paris : Larousse, 2001.

MEIRELES, Cecília. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1983.

MONTAIGNE, Michel de. **Os ensaios**. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Editora Schwarcz, 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva. São Paulo: Cortez, 2013.

STAROBINSKI, Jean. **A tinta da melancolia. Uma história cultural da tristeza**. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

VOLTAIRE. **Cândido, ou o Otimismo**. Tradução de Mario Laranjeira. 2012.

VOLTAIRE. **Candide ou l’optimisme**. Paris: Gallimard, 1992.

